



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA
CAMPUS CASTANHAL

ALINE ALVES DA SILVA

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS DOCENTE

CASTANHAL

2018

ALINE ALVES DA SILVA

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para a obtenção Grau de Licenciada Plena em Pedagogia, da Turma de Pedagogia 2012, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Lucas da Silva.

CASTANHAL

2018

ALINE ALVES DA SILVA

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para a obtenção Grau de Licenciada Plena em Pedagogia, da Turma de Pedagogia 2012, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Lucas da Silva.

Aprovado em ____/____/ 2018

BANCA EXAMINADORA:

Orientador

Prof. Dr. Paulo Lucas da Silva.

Examinadora 1

Prof. Dr.a Ivana de Oliveira Gomes e Silva

Examinador 2

Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos

CASTANHAL

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso para a minha avó Darci Alves da Silva, que também sonhou comigo inúmeras coisas, inclusive a minha formação humanística e profissional, desde que eu era uma criança e morava com ela em Santa Inês do Maranhão. Para a minha mãe Margarete Alves da Silva que se empenha em me apoiar durante todo o meu período de estudos e sempre sonhou com a conquista de ver uma filha formada. E ao meu pai Wendell Pereira Silva que se manteve firme batalhando ao lado da minha mãe e que nunca me negou uma ajuda quando mais precisei. Sem essas pessoas maravilhosas em minha vida, me ajudando e me apoiando, dificilmente eu teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus Guias espirituais, minhas fontes de paz e tranquilidade.

Agradeço aos meus pais que estiveram ao meu lado durante todo o meu processo de formação.

Agradeço ao meu professor e orientador Paulo Lucas, que esteve disposto a me ajudar, me orientando nesta tarefa de realizar um trabalho de conclusão de curso.

Quero agradecer ao meu amor Mylena, que é o meu céu de Santo Amaro, e que segurou a minha mão nos difíceis momentos da vida.

Quero agradecer a minha colega de curso e amiga Núbia Rossola, que me ensinou a não desistir tão fácil. Ao meu amigo Sérgio, que sempre esteve disposto a me ajudar.

Sou grata por tudo!

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo fazer reflexões sobre a práxis docente, da sua importância como elemento primordial para a produção de uma consciência verdadeira e alguns caminhos que possam levar à emancipação humana. Este trabalho foi produzido na forma ensaística, que é uma forma admitida pelo meu autor base Theodor Adorno em “O Ensaio Como Forma”, e como fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e fez-se a análise de dois textos do livro “Educação e Emancipação”. Notou-se, ao longo da pesquisa, que o trabalho docente não pode estar desvinculado da reflexão de suas ações dentro e fora da sala de aula, pois é a partir disto que o docente consegue melhorar a sua prática de ensino/aprendizagem e tornar possível o trabalho da emancipação humana por meio da educação, libertando os sujeitos da alienação. Em uma sociedade democrática, faz-se necessário que o indivíduo se emancipe para que possa refletir sobre o seu comportamento no mundo, romper com os mecanismos de alienação dominante e que consiga fazer suas próprias decisões conscientes, em um processo contínuo de exercício da sua autonomia, mas isso só se torna possível na educação à medida que a escola se atualiza sobre a realidade dentro e fora dos seus muros. Alguns caminhos podem orientar tanto o professor quanto o aluno a realizar a sua emancipação, que é um processo permanente e dura a vida inteira. Os modelos ideais são um dos grandes empecilhos que a educação precisa romper, pois padronizam o comportamento das pessoas e castram nelas a capacidade de serem autônomas e de se construírem a partir da realidade em que estão inseridas por meio de suas experiências subjetivas e coletivas. As escolas têm se preocupado somente em transmitir conhecimentos desconectados da realidade do aluno, oferecendo a ele uma formação cabal e voltada para o mercado de trabalho, esquecendo que esse sujeito precisa se orientar no mundo em que vive de maneira crítica/reflexiva e autônoma. Foram discutidos, além deste, outros temas acerca da educação ao longo do presente trabalho, tais quais: educação escolar e realidade social, relação professor e aluno, educação e democracia, educação para a superação das desigualdades e as dificuldades de trabalhar pela emancipação humana. O que me levou a fazer uma pesquisa em Theodor Adorno foi a curiosidade que despertei sobre ele em uma disciplina durante a graduação, a qual a professora apresentou, pela primeira vez, este autor para a turma em uma de suas aulas e nos propôs a fazer um fichamento crítico do texto “Educação – para quê?”, trabalho este que me fez conhecer um pouco sobre as reflexões

filosóficas dele a respeito da educação que, apesar de serem feitas no século passado, permanecem atuais e nos ajudam a discutir as questões educacionais que se apresentam hoje. Fundamentar teoricamente este trabalho unicamente nos dois textos de Adorno foi uma decisão que partiu de mim e do meu orientador. As reflexões mostradas no presente trabalho mostram a importância da práxis docente para a vida dos indivíduos, da educação de qualidade que esteja para além dos muros da escola e da produção de uma consciência verdadeira que possa libertar esses indivíduos das suas condições de quem é sempre dominado e impedido de viver uma vida edificante.

Palavras chaves: Educação; Práxis Docente; Emancipação.

EPÍGRAFE

[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.

Theodor Adorno

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
DESENVOLVIMENTO.....	13
Educação escolar e realidade social:	13
A educação, as pessoas, os modelos ideais:	14
Relação professor/aluno:	16
Educação para a produção de uma consciência verdadeira:	17
Educação e Democracia:	19
Educação para a adaptação:	20
Educação para a resistência:	21
Trabalhar a emancipação desde a primeira infância:.....	22
Educar para a experiência:.....	24
Educar para a reflexão:	25
Educação para a imaginação:	26
Educação para a construção permanente do sujeito:	27
Educação para o esclarecimento.....	28
Educação para a autonomia:	29
Pensar a estrutura educacional.....	30
Educação e superação das desigualdades:	31
A educação emancipadora como ameaça:	33
Educação e libertação da minoridade:	34
As dificuldades de trabalhar pela emancipação humana:	36
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O educador que se preocupa com a sua conduta e o seu fazer pedagógico dentro e fora da sala de aula, tem compromisso com a educação e busca refleti-la a partir da sua prática docente para então transformar-se e transformá-la. A educação precisa estar em consonância com as mudanças do mundo, para não se tornar atrasada e incapaz de orientar as pessoas a partir da realidade em que estão inseridas, tem também o trabalho de formar sujeitos críticos e reflexivos. A tarefa do professor se torna importante a medida em que ele tem a responsabilidade de promover essa educação crítico/reflexiva e, conseqüentemente, emancipadora. Portanto, refletir sobre a sua práxis docente torna o professor autônomo para investigar e refletir sobre a sua própria prática pedagógica e a propor mudanças, libertando-se dos velhos métodos que prejudicam o aprendizado do aluno.

De modo geral, o professor se abdicou desse processo crítico/reflexivo porque está acomodado ao modelo educacional imposto. Outras barreiras também estão colocadas e impedem o profissional da educação de ser o senhor da sua própria prática, tais quais a burocracia institucionalizada que obriga o professor a seguir conteúdos programáticos preestabelecidos, a estrutura da instituição de ensino que permanece a mesma desde o século passado e a falta de incentivo para uma educação permanente, pois é bastante comum que o professor, a medida que se forma, se sinta um sujeito pronto e acabado. O que se propõe é que o professor tenha plena consciência de ser um sujeito que se constrói a partir da sua experiência na sociedade em que vive e na sua experiência docente.

Diante das dificuldades encontradas na área educacional e que impedem a educação de se transformar e contribuir de maneira significativa para a produção de uma consciência verdadeira, é que se faz necessário buscar novos caminhos para repensar a educação nos dias atuais. Sendo o professor um dos principais agentes transformadores da educação, é ele quem melhor se apresenta para buscar essas mudanças e ressignificar o seu trabalho dentro e fora da sala de aula, ao lado dos alunos e de todos os atores que compõem a instituição escolar. Os objetivos de refletir sobre a práxis docente, é contribuir para a formação de indivíduos capazes de tomar suas próprias decisões conscientes, ou seja, sujeitos autônomos que não vivem em detrimento da alienação constante de uma ideologia dominante, mas buscam

libertar-se dela. No entanto, é visível que as instituições de ensino têm falhado quando se trata de dar todo o suporte necessário para realizar o trabalho de emancipação, o que tem a ver com o descaso de muitos educadores e dos governantes em relação à educação.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi produzida na forma ensaística, que é uma forma admitida pelo autor base deste trabalho, Theodor Adorno, no livro “O Ensaio Como Forma”.

Escreve ensaisticamente quem compõe experimentando; quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever (ADORNO, 2003 apud BENSE, 1947, p.418).

A fundamentação teórica baseou-se na análise de dois textos do livro “Educação e Emancipação”, sendo o primeiro texto “Educação – para quê?” e, o segundo, “Educação e Emancipação”. O presente trabalho tem como principal objetivo fazer reflexões sobre a práxis docente que leva à emancipação humana, ressaltar a sua relevância em uma sociedade democrática que demanda indivíduos esclarecidos e autônomos, e, também, mostrar os caminhos que possam levar à realização da construção da emancipação dos indivíduos por meio da educação.

Um dos motivos que me levou a pesquisar Adorno para compor o meu trabalho foi o contato ligeiro, mas muito importante, durante uma disciplina acadêmica, apresentado por uma professora que nos propôs a fazer um resumo do texto “Educação – para quê?”, o qual achei bastante relevante para a área da Pedagogia, pois trata-se de reflexões críticas sobre como a educação se situa como parte importante da sociedade e a sua necessidade de se atualizar frente a realidade do mundo.

Theodor Wiesengrund Adorno nasceu no dia 11 de setembro de 1906 em Frankfurt, na Alemanha. Foi um dos mais importantes Filósofos da Filosofia Moderna, e também foi um crítico musical, estudando composição com Alban Berg, em Viena. Adorno doutorou-se na Universidade de Frankfurt, onde também foi professor, e na mesma cidade, no ano de 1924, participou da fundação do Instituto de Pesquisas Sociais. Para escapar da perseguição nazista contra os judeus, emigrou para a Inglaterra em 1933, e mudou-se para os Estados Unidos em 1937, onde fez suas importantes contribuições para o Instituto que foi reconstituída na Universidade de Columbia. O Instituto de Pesquisas Sociais, mais conhecido como Escola de

Frankfurt, reuniu sociólogos, filósofos e cientistas políticos. Os que mais se destacaram foram Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse, todos influenciados por Karl Marx, sem deixar de criticá-lo. Eles desenvolveram a “teoria crítica” que é contrária “à teoria tradicional”, representada pelos filósofos a partir de Descartes, e fazem críticas a razão afirmando que esta também possui suas sombras quando serve de instrumento de dominação. A “teoria crítica” retoma as questões sociais, antes ignoradas pela “teoria tradicional”, como objetos de estudos. O termo criado por Adorno chamado “Indústria Cultural”, foi um dos seus principais temas de reflexão, o qual ele afirmava que era um dos principais veículos utilizados para a dominação e exploração humana com a finalidade de obter lucro. Adorno se baseou nos fundamentos da dialética de Hegel para compor seus conteúdos filosóficos e musicais, e dessa forma produziu obras capitais do pensamento estético, como “Dialética do Esclarecimento” (1947), que escreveu com a colaboração de Horkheimer, “Filosofia da Nova Música” (1949), e a inacabada “Teoria estética” (1970), a qual trabalhou até a morte. Em 1949, Adorno retorna à Alemanha e volta a exercer suas atividades docentes e políticas até a sua morte em 1969, em Visp, na Suíça. Suas principais obras forma “Dialética do Esclarecimento” (1947), “Indústria Cultural e Sociedade: O Iluminismo como Mistificação das Massas (1947); Crítica Cultural e Sociedade (1949); Tempo Livre (1969)”, “Minima Moralia” que reúne 153 aforismos que estão divididos em três partes, cujas datas são de 1944, 1945 e 1946-47.

Atualmente, a educação se mostra ineficaz para a libertação das pessoas, embora se tenha uma boa parcela da população nas escolas. Mas, por outro lado, ir à escola não garante a permanência desses alunos, porque se deparam com inúmeras dificuldades, entre elas, a prática docente tradicional que desconecta os conteúdos da realidade dos alunos transformando o espaço escolar em um lugar menos atrativo. Esse trabalho visa contribuir com a educação para a melhoria da sociedade, na luta contra as desigualdades sociais, contra a intolerância, para a libertação da dominação constante de uma realidade dominadora homogênea que conduz as pessoas; busca a libertação do indivíduo da sua condição de ser alienado e na transformação desse indivíduo em um sujeito consciente dos seus direitos, dos seus deveres e da sua capacidade de experimentar e transformar a sua realidade, além de construir, em conjunto, um mundo melhor.

DESENVOLVIMENTO

Educação escolar e realidade social:

Um dos maiores desafios para a educação escolar, hoje, é a sua relação com a realidade social externa aos seus muros. Esta educação já tem problemas maiúsculos no interior dos muros, mas sua relação com a realidade tem sido colocada como sua determinante. Fora da escola se cobra que ela atenda a interesses do mercado de trabalho. Daí que a formação seria muito mais um adestramento, do que uma formação. A realidade social – que cria e sustenta a educação – muda em uma dinâmica tão veloz que é deveras difícil acompanhá-la. As pessoas, fora da escola, têm dificuldade em se atualizarem sobre os últimos movimentos da economia, da política, da mídia, das “novas tecnologias da informação e comunicação”. Parece haver um desamparo para com as pessoas que formam a realidade social. A escola, por ser composta por muitas pessoas, manifesta este desamparo de forma muito mais clara. A questão, sem se deter nesta questão de desatualização, seria: “qual é o papel da educação” frente à realidade?

O compromisso do professor que luta pela educação emancipadora torna-se um desafio cada vez maior, porque a estrutura de uma sociedade capitalista não permite que todas as pessoas recebam uma educação de qualidade e não pretende formar sujeitos emancipados que questionem e sintam necessidade de mudar a ordem vigente, mas formar pessoas que se comportem de acordo com o que ela impõe, e, diante disto, a autonomia do professor é retirada, pois ele também precisa seguir a norma preestabelecida. A alienação e padronização do comportamento humano não coincidem com o conceito de democracia, pois a pessoa que não pensa por si própria não é capaz de decidir o que é melhor para si mesma e para os demais, e a sua vontade não tem validade. Romper com a estrutura dominante dentro e fora da sala de aula é um dos grandes desafios da educação, por isso se faz necessário que o professor trace novos caminhos que levam à emancipação humana sem nunca deixar de refletir sobre a sua práxis docente, sua conduta e seus desafios quanto educador que trabalha pela emancipação.

As mudanças contínuas no mundo e o surgimento de novos mecanismos de alienação que fazem a manutenção da ordem dominante, teriam que ser discutidas nas instituições de ensino. A escola, como espaço de aprendizado, permite que ideias sejam discutidas, o professor precisaria provocar nos alunos a curiosidade sobre a realidade em que estão

inseridas, fazendo com que pensem sobre a sua maneira de se comportar no mundo, como também de pensar e criar possibilidades de viver no mundo de acordo com a sua subjetividade, fortalecendo a sua resistência e rompendo com a alienação capitalista que se mostra tão sedutora.

Eu diria que atualmente a educação tem muito mais a declarar acerca do comportamento no mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideais preestabelecidos. Pois se não fosse por outro motivo, a simples e acelerada mudança da situação social bastaria para exigir dos indivíduos qualidades que podem ser designadas como capacitação à flexibilidade, ao comportamento emancipado e crítico (ADORNO, 1995, p.141).

A educação é uma construção social, para a própria formação social. Sua existência é dialética porque, ao mesmo tempo em que é determinada pela sociedade, no interior da qual se encontra, também determina esta sociedade, sua criadora. Para Adorno é possível cobrar que esta educação intermedeie “modelos ideais”, isto não seria absurdo e, efetivamente ela precisa explorar estes “modelos”, até para elaborar a crítica e demonstrar sua invalidade e poder de persuasão, manipulação etc. do sujeito.

A educação, as pessoas, os modelos ideais:

Para o frankfurtiano, a educação tem a responder sobre o comportamento, sobre a conduta das pessoas no mundo. A formação educacional precisaria ser uma formação para viver no mundo, inclusive o autor chama a atenção para a perspectiva dialética deste viver no mundo: adaptação e resistência (p. 143). A educação não poderia servir apenas como o meio transmissor de modelos ideais já estabelecidos, ela precisaria se envolver com as mudanças do mundo e do comportamento das pessoas no interior deste mundo.

A prática de ensino nas escolas limita-se a formar um indivíduo que se adapte às exigências da sociedade, ou seja, para as funções que a ordem social preestabelece para cada pessoa. É claro que este é um fator importante que a educação precisa oferecer, mas, simultaneamente, para ir além disto, precisaria propiciar ao indivíduo o esclarecimento sobre tais funções sociais. Não basta somente ensinar ao indivíduo as funções exercidas na sociedade, é preciso, desde o ensino fundamental, mostrar a realidade de cada função, o seu impacto na sociedade e as desigualdades entre elas. Não obstante, é preciso também esclarecer, desde o início, sobre a necessidade de transformação dessas funções, pois não é

justo que um juiz ganhe mais que um professor, sendo que ambas as funções são importantes para a sociedade, por exemplo.

Trabalhar o comportamento crítico do sujeito desde cedo é possibilitar que ele consiga enxergar, gradualmente, as maravilhas e as injustiças do mundo em que vive e se constrói a partir da realidade a qual está submetido e experimenta, e não apenas se tornar um sujeito adaptável às mudanças do mundo, obedecendo um modelo ideal de comportamento. Portanto, educadores que anseiam a emancipação humana, precisam se atentar a essas exigências, resistindo e se contrapondo por meio de suas práticas educativas ao modelo ideal que se impõe e domina as pessoas.

Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da heteronomia, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório, é de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros. As condições provenientes do mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não-pensamento—em geral também correspondem a este modo de pensar. Encontram-se em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade (ADORNO, 1995, p.141).

O modelo ideal é autoritário e se impõe as pessoas retirando a autonomia dos sujeitos. Prestabelecer um modelo ideal a ser seguido, é pensar que se tem o direito de decidir sobre a educação das pessoas, ou seja, de impor aos indivíduos como eles teriam que aprender e se comportar no mundo. Ninguém educa ninguém, cada um aprende por meio das experiências que vive, que são experimentadas de maneira única, por isso a educação necessita se mostrar plural, de modo que abrace a diversidade de experimentar, de pensar e de aprender de cada pessoa. Qualquer modelo educacional que não considera as estratégias de ensino diversificadas, rompe com o processo de emancipação, e é bastante nociva ao indivíduo, pois reforça o autoritarismo que ainda se mantém presente, contraditoriamente, em uma sociedade democrática.

Uma educação que opera conforme um modelo prestabelecido, que é autoritária e homogênea, é bastante desinteressante e desmotivador, porque castra os sonhos, os desejos e as curiosidades e outros impulsos de vida das pessoas. A falta de liberdade de expressão dos alunos faz com que a experiência de aprendizado seja um momento torturante, e isto é demasiado ruim para a formação destes alunos, pois o que aprendem é a ouvir e a obedecer aos comandos da autoridade. Os docentes precisariam trabalhar para que estas situações que

prejudicam a educação desapareçam, que trabalhassem em prol da consolidação de uma educação edificante, que acolha o indivíduo em suas diversas dimensões.

Um sujeito autônomo é aquele que consegue tomar suas decisões a partir das suas reflexões críticas, que tem a capacidade de se transformar e transformar a realidade em que vive. No cotidiano escolar, é necessário que todos os indivíduos possam participar ativamente dos processos que formam a instituição de ensino, que possam emitir opiniões e que estejam abertas a aprender com os diferentes olhares sobre um determinado assunto, pois a autonomia se faz com liberdade e responsabilidade para consigo mesmo e com os outros.

Relação professor/aluno:

É incrível como a educação brasileira mudou quase nada em relação as estratégias de ensino, apesar das pesquisas variadas neste tema. Não é difícil tirar esta conclusão, bastaria observar dentro de uma sala de aula o que ainda acontece, normalmente, em uma rotina escolar. O que se tem ainda é uma educação tradicional que submete o aluno ao velho método de copiar do quadro os assuntos e exercícios, de aplicar avaliações e de exigir que o aluno aprenda a partir desse método. Seria melhor que o professor orientasse os seus alunos a levantarem questões acerca de determinado assunto para que pudessem respondê-las com pesquisas e reflexões, em vez de determinar a esses alunos somente um caminho de obter aprendizado. Existe algo de problemático neste modelo único de transmitir conhecimentos, porque o professor passa a enxergar os alunos como meros objetos montáveis, sem diferença entre eles de adquirir aprendizado, ou seja, o mesmo método utilizado com o aluno A é utilizado com o aluno B, e esta forma de ensino é excludente, pois nem todos os alunos conseguem aprender de uma só maneira. Diante disto, revela-se um certo distanciamento do professor em relação aos seus alunos, porque o professor não consegue compreender a realidade de cada aluno, as suas diferenças na maneira de aprender e, dessa forma, não elabora novas estratégias de ensino mais diversificadas e inclusivas.

Outro problema que as escolas que direcionam o indivíduo à emancipação precisariam combater, é a hierarquia entre professor/aluno que define o comportamento em sala de aula. O professor autoritário é aquele que intimida e faz seus alunos passarem por momentos humilhantes, e esse é um comportamento contrário à ética e também um fator negativo no

aprendizado dos alunos, porque torna o momento do aprendizado algo torturante, uma vez que o aprendizado se torna cada vez mais difícil por medo da autoridade.

Uma relação saudável entre professor/aluno é importante para obter uma educação de qualidade, o afeto atrai e a humildade do professor para com seus alunos rompe com a velha ideia de que o professor sabe tudo. Acolher em vez de punir, orientar em vez de determinar como o aluno tem que aprender, e ajudá-lo nas dificuldades são princípios que todo educador precisaria inserir na sua prática docente. O que está em jogo é a autonomia do indivíduo de fazer suas próprias reflexões, mas isso não será possível enquanto a educação permanecer pensando por ele e os muros da hierarquia não forem derrubados. Quando existe uma boa relação entre professor/aluno, o processo de ensino-aprendizagem acontece de maneira mais eficiente, porque ambos estão sentindo este processo e trocando experiências com maior intensidade, e isto gera uma motivação cada vez maior, porque o aluno passa a enxergar o professor como um amigo e não mais como aquele que manda na sala de aula e decide sozinho como conduzir a turma.

Educação para a produção de uma consciência verdadeira:

O espaço educacional não tem se preocupado em transmitir questionamentos acerca da realidade que está sendo imposta ao mundo, tem apenas assumido o compromisso de formar indivíduos para o mercado de trabalho. Os indivíduos permanecem alienados de tudo o que controla os seus comportamentos, porque não têm tempo de pensar sobre o que determina as suas vidas. A escola é vista como um local onde se vai para aprender a ler, a escrever e se preparar para ser, por meio da meritocracia, um profissional no mercado de trabalho, e as outras dimensões humanas, como a subjetividade e a capacidade reflexiva, são excluídas do processo de ensino/aprendizagem.

O mundo se configura e se transforma, a escola tem a necessidade de estar de acordo com essas mudanças. Por isso, se faz necessário que novas concepções educacionais sejam implementadas com o intuito de também se transformar, porque a educação é um fenômeno vivo e, como toda coisa que está viva e em movimento, precisa ser questionada e estar aberta às mudanças para ganhar novos sentidos e atender as necessidades que surgem no mundo e das pessoas que vivem neste mundo.

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de 'educação'. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não

temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior, mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja características de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a 'produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 1995, p.141).

Adorno expõe, com muito cuidado, a sua concepção inicial de educação. Ele diz que não é modelagem de pessoas, pois não é direito de ninguém idealizar e moldar pessoas de acordo com o seu exterior. Isso implicaria uma educação que não preserva a individualidade de cada sujeito, que impede o sujeito de se orientar de acordo com as mudanças no mundo em que vive. A educação, para o autor, também não é somente a transmissão de conhecimentos desconectados da realidade, pois dessa maneira não seguiria o movimento da vida que faz com que a pessoa viva cada momento e cada mudança que acontece dentro de si mesma e no mundo. Para ele, a educação é a produção de uma consciência verdadeira, ou seja, que não é e nem pode ser um modelo pronto e acabado o qual as pessoas precisariam seguir fielmente, mas é uma eterna construção de si e de resistência contra a realidade que se impõe e faz com que toda uma nação se adapte a ela de forma alienada por meio do modelo ideal já estabelecido.

A partir desta concepção de educação, poder-se-ia ressaltar a sua relevância na democracia, pois indivíduos emancipados teriam autonomia para tomar decisões que fossem em nome do bem comum e, conseqüentemente, do bem para si mesmo de maneira consciente. Percebe-se que uma sociedade que se apresenta como democrática mas não pensa em uma educação emancipadora dos sujeitos, é uma farsa e planeja suas decisões a partir de uma ideologia dominante alienante que fortalece os direitos de uma pequena parcela privilegiada e suprime os direitos das minorias, sem que as pessoas estejam conscientes disso. É com essa brecha da não emancipação humana que uma antipolítica se legitima por meio de um discurso alienante que se configura em vários âmbitos, se impõe e se fortalece em meio aos próprios massacrados sem saber que estão tendo suas liberdades e os seus direitos roubados.

Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideais exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivistas-reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só

exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundas (ADORNO, 1995, p.142).

Uma pessoa que tem um comportamento autoritário e transmite ideias que são contra a emancipação humana, não tem amor a sua liberdade de expressão e não mantém uma relação saudável consigo mesmo e com o coletivo. É impossível que uma educação que esteja atrelada a estas ideias autoritárias na sua estrutura consiga formar cidadãos plenos para o exercício da democracia, porque diverge profundamente dos princípios democráticos. Esta educação que molda e controla o comportamento dos indivíduos e toma as decisões por eles, é uma educação que não pode mais ser permitida dentro e fora dos muros das escolas, pois está desconectada da realidade que se mostra cada vez mais plural, avançada em relação à tecnologia, a política e aos modos de vida das pessoas.

Qualquer ideia que se opõe ao esclarecimento das pessoas em uma sociedade, é antidemocrática. Portanto, o compromisso da educação emancipadora na democracia é a libertação da constante alienação. Ter consciência da realidade que se impõe e criticá-la a partir do que ela é, é um exercício que a educação precisaria estimular em cada pessoa para que evite permanecer no idealismo utópico, como afirma o autor: “A ideia de emancipação, como parece inevitável com conceitos deste tipo, é ela própria ainda demasiado abstrata, além de se encontrar relacionada a uma dialética. Esta precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional (ADORNO, 1995, p.143)”. Portanto, não basta pensar na emancipação dos indivíduos, é preciso trabalhá-la por meio de uma relação constante entre teoria e prática.

Educação e Democracia:

Do ponto de vista socioeducativo, uma educação para a democracia é indispensável, pois ela seria a base para a construção de um saber viver em sociedade e para evitar a barbárie do pensamento alienado e do autoritarismo. Saber viver democraticamente é estar consciente dos benefícios, das falhas e contradições de uma democracia, é buscar refleti-la para propor mudanças, pois a educação só se faz plena em uma democracia, diante da liberdade dos sujeitos, e ambas andam, ou, pelo menos, precisariam andar de mãos dadas.

A educação é fundamental para conservar ou mudar os valores de uma sociedade, para transformar a vida das pessoas para melhor e formá-las sujeitos críticos/reflexivos. Percebe-se que uma sociedade vai mal quando prevalece o desrespeito aos Direitos Humanos, à diversidade e tudo aquilo que diverge do pensamento conservador, e velhas narrativas

ditatoriais, autoritárias e fascistas ressurgem colocando em risco a democracia, os direitos e a liberdade das pessoas. Indivíduos que não têm consciência do perigo que estas narrativas carregam, acabam se identificando ao agressor e reproduzindo esses comportamentos nocivos ao bem-estar comum. Isto acontece quando a educação falha no seu trabalho de transmitir conhecimentos da realidade e permanece trabalhando conteúdos completamente descontextualizados, apenas para cumprir uma grade curricular determinante. Um dos sintomas mais ameaçadores contra a educação, é o educador que se opõe a emancipação, que transmite o que existe de mais preconceituoso e conservador numa sociedade. Nele, existe uma resistência nociva para ele mesmo e para a sociedade em que vive, porque muitos podem vê-lo como um ideal e podem compactuar das mesmas ideias, o que resultaria em um atraso educativo e a permanência da alienação.

Quando a democracia se encontra em situação de risco, seria interessante trabalhar em sala de aula o período da Ditadura Militar e provocar reflexões dos alunos sobre este período e suas consequências para a sociedade e o bem comum, comparar as narrativas que surgem com os discursos de ditadores que existiram e existem em várias partes do mundo e fazer com que o próprio aluno sinta necessidade de evitar o prevaletimento e a ascensão destas narrativas de cunho fascista na sociedade em que vive. Esta é uma prática docente que todos aqueles que trabalham pela emancipação humana precisariam inserir e aprimorar no seu trabalho e criar alternativas de ensino que rompam com os mecanismos que impedem o trabalho de esclarecimento do indivíduo de acontecer.

Educação para a adaptação:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo da adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas em consequência do que a situação existente se propõe precisamente no que tem de pior (ADORNO, 1995, p.143).

Um dos principais trabalhos da educação é preparar o indivíduo para se orientar e se adaptar no mundo em que vive, pois com a ausência dessas habilidades, a educação seria impotente e ideológica. Por outro lado, se objetivasse somente a adaptação do indivíduo, a educação permaneceria questionável, pois produziria apenas pessoas bem ajustáveis de acordo com as mudanças e o surgimento de novas demandas de adaptação.

A educação precisa ir para além da mera adaptação, ela precisa proporcionar meios que garantam a autonomia do indivíduo e a sua capacidade de refletir sobre a realidade a qual está inserido. Junto ao processo de adaptação, o educador precisaria buscar meios de fazer o indivíduo pensar sobre o seu próprio processo de adaptação. Quando o indivíduo não tem pensamento crítico/reflexivo sobre a realidade, ele deixa que a estrutura política, social e midiática preestabelecida por outras pessoas o dominem sem que ele consiga perceber que está sendo manipulado e se adapta automaticamente conforme as mudanças impostas por essa estrutura. É adestrada do indivíduo a sua liberdade de decidir-se como se comportar e viver no mundo, pois a estrutura dominante cria e impõe uma realidade e mantém um domínio inimaginável sobre as pessoas.

Proporcionar uma visão ampla acerca da realidade considerando sua dimensão política e social é um trabalho de esclarecimento capaz de evitar que os indivíduos permaneçam alienados sobre a sua inserção no mundo. Portanto, a educação precisaria formar indivíduos capazes de perceber esses fenômenos que organizam e controlam suas vidas e não apenas produzir pessoas adaptáveis que aceitam todo e qualquer modelo de vida.

Educação para a resistência:

Diante de uma realidade supervalorizada, aquela que é intermediada por meio de modelos ideais e remete o indivíduo ao processo de adaptação a ela, a educação por meio da família e da instituição de ensino teriam a tarefa de fortalecer nesse indivíduo à resistência. A realidade que se coloca ou o ‘pseudo-realismo’ força na pessoa um processo de adaptação oposta a sua vontade, um momento dolorido que ignora o seu estado de bem-estar. No entanto, a família é a primeira a demonstrar-se conservadora, e a escola tradicional reforça no indivíduo esse conservadorismo. Esta resistência conservadora é cega, pois não está disposta a entender e nem aceitar as mudanças sociais que beneficiam aqueles que antes permaneciam invisíveis, que não percebe ou não quer perceber o mundo novo que se constrói todos os dias.

A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação. Se posso crer em minhas observações, suporia mesmo que entre os jovens e, sobretudo, entre as crianças encontra-se algo como um realismo supervalorizado – talvez o correto fosse pseudo-realismo – que remete a uma cicatriz. Pelo fato de o processo de adaptação ser tão desmesuradamente forçado por todos o contexto em que os homens vivem, eles precisam impor a adaptação a si mesmos de um modo dolorido, exagerando o realismo a si mesmo, e, nos termos de Freud, identificando-se ao

agressor. a crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implementada, entretanto, já na primeira infância (ADORNO, 1995, p.144).

O que dizer sobre uma educação conservadora que reforça modelos estereotipados do bom comportamento padrão e que é punitiva ao que se mostra diferente, sufocando o indivíduo a um modelo que ela mesma cria para controlá-lo ou, o que é pior, o que dizer dos educadores que compactuam com esses ideais? Ora, seria necessário contrapor-se para que a tão almejada emancipação não seja boicotada por uma política educacional antiquada. A busca por renovação na educação é um dos caminhos que os educadores precisariam trilhar todos os dias, resistindo ao modelo educacional tal qual se impõe, buscando essa renovação em conjunto por meio de reuniões com o corpo docente, com alunos, responsáveis e a comunidade tendo o objetivo de criar um projeto político pedagógico que esteja atrelada às decisões conscientes de cada participante.

Ter que abrir mão do que se acredita ser bom para si mesmo e para o mundo em nome de uma ordem dominante, é bastante doloroso. Resistir a este processo angustioso é preciso e urgente, senão, o que seria das mulheres, atualmente, se não houvessem resistências e lutas contra uma realidade machista e opressora que sempre se apresentou a elas? Para que alguma coisa possa mudar para melhor no mundo, seria necessário esclarecer-se daquilo que é tirano, que rouba a liberdade de ser o que se é e de construir-se a partir do que se é, sem nenhum tipo de repressão.

O processo de construção da resistência por meio da educação não acontece com a ausência da ética, do respeito que o educador precisa ter para com o educando, pois sabe-se que cada pessoa aprende de maneira particular. Um sujeito A e um sujeito B que moram no mesmo bairro podem ter muito em comum, mas a maneira que ambos experimentam a realidade que estão inseridos é diferente, e essa diferença precisa ser respeitada. A produção da resistência, para Adorno, é um dos caminhos mais decisivos na educação que precisaria ser trabalhada desde a primeira infância e ao longo de toda a vida, como afirma:

Parece-me que a tarefa de intermediar uma consciência da realidade, uma tarefa inteiramente vinculada à relação entre teoria e prática, não pode por assim dizer ser tratada em nível universitário, mas precisa ser realizada a partir da primeira infância educação infantil mediante uma educação permanente durante toda a vida (ADORNO, 1995, p.146).

Trabalhar a emancipação desde a primeira infância:

Na Educação Infantil, o trabalho de emancipar torna-se um grande desafio, pois as crianças enxergam e sentem o mundo de modo bastante lúdico, por isso o uso da brincadeira como método de ensino e aprendizagem é importante. Levar as crianças ao museu, remetendo-as ao passado, é um trabalho de experiência fantástico, pois no museu guardam-se memórias históricas as quais as crianças começam a despertar a curiosidade pelo passado a partir do contato com os objetos. Aliás, contar histórias é um trabalho emancipador, porque instiga a imaginação, e permitir que essas crianças criem e contem suas histórias também faz parte desse trabalho. A escola precisaria se opor ao ensino que não tem compromisso em despertar o interesse dos seus alunos, um ensino que se resume entre quatro paredes, que celebra datas comemorativas utilizando as mesmas ideias ultrapassadas, como é o caso do dia do índio que apenas repassa uma ideia estereotipada do que seja índio, escondendo a realidade, a língua, a cultura e as dificuldades desse povo.

Dito com muita simplicidade: seria preciso estudar o que as crianças hoje em dia não conseguem mais aprender: o indescritível empobrecimento do repertório de imagens, da riqueza de imagens sem a qual elas crescem, o empobrecimento da linguagem e de toda a expressão. Assim como o senhor, também pretendi discutir se a escola não pode assumir essa tarefa (ADORNO, 1995, p.146).

Diante disso, percebe-se que a escola não se preocupa com os assuntos os quais os alunos não conseguem mais aprender, empurra goela abaixo atividades e conteúdos divergentes da realidade desses alunos, tudo em nome de um planejamento a ser cumprido que controla o que pode e o que não pode ser estudado, o que torna o ensino algo pronto e acabado, somente com a finalidade de aprender a ler e a escrever, e que não orienta os indivíduos a criar seus próprios caminhos. Sem a responsabilidade de promover para as crianças um espaço onde elas possam crescer ricas em imaginação, experimentar uma linguagem diversificada e enriquecer suas expressões e maneiras de pensar, não existirá emancipação.

Lembro-me de uma conversa em que explicava os princípios do moderno planejamento no plano político a uma criança então com doze ou treze anos. E ela perguntou: “como vocês planejam os erros?” Do mesmo jeito me sinto agora, quando o senhor coloca a questão: “Onde fica em todo este sistema aquilo que é espontâneo, aquilo que é criativo”. Eu diria que é preciso se conscientizar também deste fator na educação. (ADORNO, 1995, p.147).

O ensino se limita a exigir somente que o aluno faça o que se pede, com atividades mecânicas e provas avaliativas, não estimula a criatividade e ignora a espontaneidade como fator natural do aprendizado, impedindo que o aluno viva experiências reais educativas de

maneira eficaz. Elaborar estratégias que estimulam e consideram a espontaneidade, não repreender a livre criação apontando onde está o erro de maneira constrangedora, como é costumeiro nas atividades práticas, é um trabalho docente que merece cuidado. No teatro, a atenção ao espontâneo é um dos princípios básicos na construção do ator, porque estimula a imaginação e a criatividade que estão presos no inconsciente do sujeito, estimulando-o a se expressar sem repressão. Qualquer método repressor é nocivo ao comportamento espontâneo.

Educar para a experiência:

Conscientizar-se por meio da aptidão à experiência ajudaria o indivíduo a romper com os mecanismos dominantes de alienação, tal como afirma Adorno “Penso que no referido processo de atenção ao espontâneo e de simultânea conscientização realiza-se uma espécie de superação da alienação, e a partir desta perspectiva parece-me necessário rever a estratégia interna das várias disciplinas educacionais (ADORNO, 1995, p. 148)”. Os mecanismos deformam as suas experiências, castram a autonomia e conduzem para uma só maneira de pensar e de se comportar no mundo, pois o que seria de uma ideologia se não houvesse quem a legitimasse? Assim funciona a ideologia dominadora: manipula mentes para fortalecer a sua existência. Justamente, com atenção especial voltada para o espontâneo e o criativo como formas de superação contínua dos mecanismos de alienação para então tornar-se cada vez mais emancipado, precisaria que as escolas revissem e reformassem as estratégias de ensino de cada disciplina. Mas não somente reformar às estratégias de ensino, precisaria também buscar uma reforma educacional total, pois não adiantaria ter a maior boa vontade de trabalhar pela emancipação se a estrutura educacional não oferecer condições aos educadores para a realização deste trabalho.

A experiência com e por meio da realidade, é um trabalho de esclarecimento, onde o indivíduo constrói suas respostas de maneira autônoma e a partir do que vivenciou, segundo o autor “A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas suas aptidões à experiência” (ADORNO, 1995, p.150). A estratégia não é obter das pessoas respostas e opiniões iguais, por mais que essas pessoas vivam a mesma realidade, mas buscar opiniões diversas sobre a realidade onde estão inseridas, isso é se construir com o outro, não o excluindo por ser e pensar diferente, mas o

acolhendo e aprendendo com ele. Esse é um dos resultados que se obtém por meio da constituição da aptidão à experiência: a compreensão de que a partir de uma mesma realidade experimentada pode-se construir pensamentos diversos. Perguntar, por exemplo, o que é um livro para uma turma, surgirão várias respostas que constituem um livro, ora, o livro é feito para ler, para obter informação, tem folhas, tem um determinado tamanho...etc. A mesma reflexão vale para a realidade quando se pergunta sobre ela para uma turma. Educadores que continuam ensinando os alunos a pensar com uma só linha de raciocínio, é um educador retrógrado que tem por objetivo formar indivíduos iguais e não considera a diversidade que compõe o mundo.

Educar para a reflexão:

A qualidade de reflexão do indivíduo é um fator que os educadores precisariam se atentar, pois uma educação para a reflexão é um dos caminhos que leva à emancipação. Refletir não é tarefa fácil, porque significa parar para perceber a realidade a qual se está mergulhado, e a consciência acostuada necessitaria ser combatida durante o processo de esclarecimento. Ninguém nunca para e se pergunta por que vive da maneira que vive, será se o tipo de vida que uma pessoa tem depende somente do dela? A partir das perguntas se faz reflexões cada vez mais elaboradas a medida em que as respostas se tornam cada vez mais profundas e complexas, como afirma o autor “sim, e acrescento que toda esta aptidão à experiência constitui propriamente um pressuposto para o aumento do nível de reflexão. Sem aptidão à experiência não existe propriamente um nível qualificado de reflexão (ADORNO, p.150). Criar estratégias de ensino que objetivam despertar a consciência humana, precisaria ser um dos focos principais da educação.

Fazer com que cada pessoa viva e reflita suas experiências no mundo, está intimamente ligado ao processo de emancipação. Segundo Adorno “Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação” (ADORNO, p.151), portanto, a educação para a experiência e a educação emancipadora fazem parte do mesmo processo, pois ambas objetivam um indivíduo que se constrói todos os dias a partir do contexto em que vive e experimenta tornando-se cada vez mais esclarecido de si mesmo e do mundo o qual faz parte.

O educador que se predispõe a dar atenção especial ao processo emancipatório, precisaria manter-se rigoroso quanto as suas próprias reflexões e experiências, evitando formar opiniões uniformes como faz a grande mídia, buscando sempre a melhor maneira de estimular que o indivíduo pense sozinho, orientando-o a olhar mais profundamente para aquilo que é real e o que é manipulação.

Educação para a imaginação:

É importante ressaltar que educar para a experiência está ligada à estimulação da imaginação do sujeito, pois não existe reflexão sem imaginação. Segundo o autor “E antes de tudo a educação para a experiência é idêntica à educação para a imaginação” (ADORNO, p. 151). Educar o imaginário é tão importante para o aluno quanto para o professor. O professor precisaria buscar estratégias para levar o aluno a aprender por meio da imaginação, pois imaginar é um dos fundamentos da filosofia, e precisaria ser estimulada de acordo com cada faixa etária. Na Educação Infantil, os alunos têm imaginações férteis e o trabalho do professor é aproximar a imaginação dele da imaginação de cada criança, o que seria muito valioso para a sua prática pedagógica. A imaginação leva à reflexão que leva ao esclarecimento e à emancipação. Imaginar que o mundo é o seu ateliê onde se pode viver experiências diversas e se transformar a partir dessas experiências, é uma maneira rica e emancipatória de educar.

O pensamento homogêneo, o qual sempre esteve presente no interior da educação, é uma herança da educação tradicional e precisaria ser completamente extinta do âmbito educacional, porque fere os princípios da emancipação do indivíduo. Seguir uma só linha de pensamento é se opor as diversas formas de pensar, é suprimir nas pessoas a capacidade de reflexão, de se ver como único. Não é à toa que, mesmo tendo um grau de escolaridade avançado, existem pessoas que são contra direitos fundamentais de constituição da família que diverge do conceito de família tradicional, alegando que é um erro. Ora, esses indivíduos permaneceram presos a uma só maneira de pensar e de se comportar no mundo em que vivem, não aceitando tudo aquilo que se mostra diferente.

E, finalmente, eu queria dizer algo acerca da individuação. O senhor referiu-se à educação para a individualidade, e por certo o antiindividualismo que dominou a pedagogia alemã durante tanto tempo, e que ainda se faz sentir, era reacionário, fascistóide. É preciso se opor ao antiindividualismo autoritário. Porém, por outro lado, esta não é uma questão fácil. A educação para a individualidade não pode ser postulada. Hoje existe uma ampla carência de possibilidades sociais de individuação, porque as possibilidades sociais mais reais, ou seja, os processos de

trabalho, já não exigem mais as propriedades especificamente individuais (ADORNO, 1995, p.152).

Destarte, onde não se estimula no sujeito uma atitude de acolhimento ao outro em sua diferença, corre-se o risco de produzir um indivíduo centrado em si mesmo, incapaz de fazer o exercício de alteridade, de se colocar no lugar do outro a partir do que esse outro é. Essa atitude egoísta é bastante problemática, pois dificilmente haverá modificações de si mesmo por meio da reflexão, uma vez que essa pessoa considera a si mesma como um fim último, não oferecendo lugar ao que existe de novo, empobrecendo sua experiência no mundo.

A situação é paradoxal. Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez á adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência (ADORNO, 1995, p.154).

Uma educação que não considera a imaginação, o sentimento, a criatividade e a diversidade, ou seja, que exclui o indivíduo em sua essência, é uma educação opressora, pois baseia-se somente em formar o indivíduo como objeto útil do estado e não busca sua formação crítica e reflexiva. A preparação para o mercado de trabalho tem sido por muito tempo o foco principal da educação, o ensino técnico ganha cada vez mais espaço e matérias importantíssimas para a formação humanística do aluno, como a filosofia e a sociologia, são retiradas ou desvalorizadas do currículo escolar. Esse tipo de ensino, o qual não poderia ser chamado de educação, é falha no aspecto social, porque não orienta a pessoa a viver e a conviver no mundo, o que se espera não é nada além de pessoas que trabalham e que se tornam competitivas entre si e egoístas.

Educação para a construção permanente do sujeito:

Uma educação que tem por objetivo emancipar, não poderia cair no erro de idealizar um sujeito perfeito, pronto para ser belo para si mesmo e para os outros e pronto para viver no mundo, pois isso seria impossível. Idealizar a perfeição em alguém tem algo de cabal, como se a pessoa pudesse chegar a um fim em si mesma e dizer que finalmente se transformou na pessoa ideal, ignorando o fato de que viver no mundo e com o mundo é uma construção contínua, nunca acaba. Esses entraves a educação necessitaria se conscientizar, evitar de todas as formas essa consciência preguiçosa que impede o indivíduo de se construir, se desconstruir

e se reconstruir, não se contentando com a realidade que se mostra para ele como algo imutável.

A construção da identidade do sujeito acontece a partir da interação desse sujeito com o meio social em que vive e experimenta. O ambiente escolar precisaria incluir a pluralidade de identidade como forma de trabalhar as diferenças e promover o desenvolvimento identitário de cada pessoa, numa relação contínua de identificação e mudança de comportamento por meio do contato com o outro. A resistência também precisa estar presente no processo de construção da identidade, como forma de resistir ao comportamento social padrão.

Creio que é importante fixarmos esta questão: que evidentemente o processo de rompimento com a autoridade é necessário, porém que a descoberta da identidade, por sua vez, não é possível sem o encontro com a autoridade. Disto resulta uma série de consequências muito complexas e aparentemente contraditórias para a elaboração de nossa estrutura educacional. Afirma-se que não tem sentido uma escola sem professores, mas que, por sua vez, o professor precisa ter clareza quanto a que sua tarefa principal consiste em se tornar supérfluo. Esta simultaneidade é tão difícil porque nas formas de relacionamento atuais corre-se o risco de um comportamento autoritário do professor estimulando os alunos a se afastar dele. (ADORNO, 1995, p.177).

No contexto escolar, a interação entre o professor e o aluno é importante para o processo de ensino e aprendizagem, e não pode ser realizado sem a preocupação de garantir um diálogo próximo a esse aluno, diferente do diálogo autoritário. Essa relação professor/aluno só é possível por meio do respeito mútuo, do afeto e do comprometimento de ambos com a educação. O encontro com a autoridade causa no indivíduo um processo de construção de si mesmo, da sua personalidade a partir da admiração que se cria pela autoridade do professor. O indivíduo romperá, em um determinado momento, com essa identificação e partirá em busca da construção da sua identidade própria. Esse processo é complexo e resultaria em vários dilemas durante a elaboração da estrutura educacional para a emancipação, e um desses dilemas é que a estrutura educacional consideraria que a escola não precisa de professores e ao mesmo tempo diria que os professores seriam sujeitos acabados, prontos para serem superados pelos alunos. Este acontecimento estimularia o comportamento autoritário do professor, pois ele sentiria a necessidade de não perder o seu lugar de autoridade, afastando-o cada vez mais da inter-relação com seus alunos, tão essencial para o desenvolvimento intelectual destes alunos.

Educação para o esclarecimento

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado 'Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?'. Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. 'Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade'. Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual. A democracia repousa na formação da vontade cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento (ADORNO, 1995, p.169).

Uma democracia só funciona conforme seus princípios quando as pessoas que fazem parte dela são emancipadas e conscientes, capazes de operar democraticamente a partir das suas escolhas. Por muito tempo as pessoas, mesmo com esclarecimento o suficiente de tomar suas próprias decisões, se deixam governar por ideias de outra pessoa o qual julga-se detentor do saber, que jamais erra em suas decisões. Não é à toa que ainda se precise de um líder para decidir qual será o destino de cada indivíduo, que apresente modelos de comportamento a serem seguidos, que ignore o fato de que cada pessoa se desenvolve de maneira distinta uma da outra, e esses modelos são aceitos sem muitas intervenções. Essa falta de coragem de decidir-se por si próprio tem a ver com o que é ou não aceito pela grande maioria, e não é culpa do indivíduo pensar dessa maneira, porque ninguém gostaria de viver desconfortável e correndo riscos em uma sociedade que não o aceita. Qualquer comportamento que se desvie do convencionalismo são malvistas pela sociedade, e são poucas as pessoas que correm o risco de tomar a decisão de viver conforme seu bem-estar, ou seja, que não tem medo de se servir do seu próprio entendimento do que seja a vida sem considerar o conceito de como a vida poderia ser vivida por cada cidadão.

Começar o processo de esclarecimento, é o início da superação dessa menoridade. A vontade de cada indivíduo, que não viola a liberdade do outro, é um princípio democrático e precisaria ser usado para o bem próprio e para o bem coletivo. O período das eleições tem o objetivo de eleger os candidatos que melhor representam a vontade do povo, mas para isso acontecer de maneira correta, o povo teria que ser esclarecido das propostas de cada candidato e evitar de forma racional eleger um representante da barbárie.

Educação para a autonomia:

A escola, como espaço que trabalha para democratizar o saber, precisaria se preocupar,

sobretudo, em formar sujeitos autônomos, e não poderia se render a nenhuma ideologia específica. O trabalho de um professor que considera a emancipação como fator principal da sua prática, é orientar o indivíduo a pensar criticamente por si só, e não implantar suas próprias ideias como verdade absoluta na mente deles, é assumir a busca constante de libertar esse indivíduo das amarras do pensamento dominante.

A democracia ganha sentido para além do âmbito social, ela também se justifica na subjetividade do indivíduo como fonte de liberdade e de rompimento com a identificação coletiva de comportamento, acolhendo a diversidade. A construção da subjetividade é um dos principais aspectos no processo de produção da consciência verdadeira, uma subjetividade que esteja de acordo com os desejos do indivíduo, onde ele possa ser capaz de aprender os valores democráticos e construir seus próprios valores que respeitem a existência do outro em sua diferença e que seja livre para se expressar.

Uma educação para a autonomia é justamente aquela que trabalha todas as dimensões do indivíduo, que o impulsiona a refletir e a tomar suas próprias decisões por mais equivocadas que sejam, pois com o erro também se aprende. Com autonomia, o indivíduo é capaz de tomar suas decisões próprias para o seu bem e para o bem coletivo, tornando-se responsável pelo próximo. O processo de tornar-se autônomo é gradual e uma construção permanente, porque o indivíduo não é algo pronto e acabado, ao contrário, está sempre se construindo.

Pensar a estrutura educacional

Pensando na simples situação da estruturação tríplice de nossa educação em escolas para os denominados altamente dotados, em escolas para os denominados medianamente dotados e em muitas escolas para os que seriam praticamente desprovidos de talento, encontra-se nela já prefigurada uma determinada menoridade inicial. Acredito que não fazemos jus completamente à questão da emancipação se não iniciamos por superar, por meio do esclarecimento, o falso conceito de talento, determinante em nossa educação (ADORNO, 1995, p.170).

Adorno critica a estrutura das escolas que separam os alunos de acordo com o nível de talento. Para ele, esse conceito de talento carrega em si um tipo de menoridade inicial que faz com que cada aluno pense que tem ou não capacidade de ser alguém na vida. Os alunos que são considerados superdotados, recebem maior assistência educacional por terem facilidade em aprender determinado assunto, assim como os alunos considerados medianamente detentor de algum talento. Já o aluno considerado totalmente sem talento, é abandonado pelo amparo educativo de qualidade. É como se fizessem parte de uma pirâmide que dividisse os alunos

excelentes, os regulares e os insuficientes e esses tivessem que aceitar suas posições na pirâmide porque assim foi determinado. Para fazer acontecer a produção da emancipação em cada pessoa nas instituições de ensino, precisaria ser derrubada essa falsa educação por meio esclarecimento do conceito de talento, visando contradizer essa falsa ideia que determina a educação, aliena os alunos de suas próprias capacidades de evolução e os impede de tomar consciência de que podem se tornar sujeitos autônomos dotados de capacidade.

Insistir no conceito de talento é permitir que as portas da exclusão educacional esteja sempre aberta, pois uma boa parcela da população carrega consigo esse falso pensamento. Dizer a si mesmo que não é capaz de realizar determinada tarefa é muito comum na sala de aula e tem consequências profundas no meio social. Quantas pessoas, ao longo do seu período na escola, já foram sabotadas por se sentirem incapazes de aprender uma coisa nova? Esse conceito que retira do indivíduo o seu direito de aprender e que faz com que muitos deixem as escolas faz parte de uma educação que não se preocupa em incentivar o indivíduo nas dificuldades, não age em nome da formação emancipadora desse indivíduo e compactua com as ideias da ideologia dominante capitalista, que precisa de sujeitos não emancipados e aceitem suas vidas tais como são. Outro aspecto ruim desse falso conceito de talento é o fortalecimento da desigualdade entre as pessoas, dando continuidade ao velho pensamento de que uma pessoa é melhor que outra.

Uma educação de qualidade e democrática, precisaria visar a formação social do indivíduo em que considera a igualdade e o respeito, sem acepção de pessoas. Mudar esse cenário de desigualdade dentro e fora da sala de aula é uma tarefa que precisaria começar com a mudança na forma como as aulas acontecem, romper com a ideia de que existe o aluno melhor e o aluno pior e trabalhar com o princípio de solidariedade entre os indivíduos, onde possa despertar a sensibilidade de ajudar o próximo nas dificuldades, tão importante em uma sociedade que precisa garantir o bem-estar comum. Essa capacidade de ajudar o outro é um meio amenizar o índice de evasão escolar, pois os indivíduos irão se sentir acolhidos e motivados, uma vez que receberão ajuda com maior intensidade e também poderão ajudar os que precisam, o que é um reforço positivo na autoestima do sujeito. Segundo Adorno “A partir disto a possibilidade de levar cada um a ‘aprender por intermédio da motivação’ converte-se numa forma particular do desenvolvimento da emancipação” (ADORNO, 1995, p.170).

Um dos caminhos que Adorno aponta para desenvolver a emancipação, é fazer com que cada indivíduo aprenda por meio da motivação. Trabalhar a motivação é uma prática pedagógica de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem, o que resultaria em alunos mais envolvidos com a educação, além de romper gradualmente com o conceito de talento que sempre assombrou as instituições de ensino. Motivar o aluno é fazer com que ele se interesse pela própria educação, é levá-lo a compreender que tem tanta capacidade de pensar e agir quanto o colega considerado o mais inteligente da turma.

Educação e superação das desigualdades:

A desigualdade social é uma realidade e está inter-relacionada com a sociedade de classe que expressa exatamente como o mundo capitalista se configura. Consequentemente, estas estruturas do modelo capitalista se estendem a todas as instituições sociais, formando um sistema de organização da sociedade. A instituição escolar é estruturada conforme o modelo classista e se baseia no falso conceito de meritocracia que a sociedade capitalista impõe, o que intensifica cada vez mais as desigualdades e a competitividade entre as pessoas, e não trabalha o espírito do cooperativismo e da solidariedade, pois é como se um indivíduo enxergasse o outro como o inimigo que pode tomar o seu lugar no mercado de trabalho ou se acha melhor ou pior que o outro do ponto de vista material.

Esta realidade é uma barreira para a educação que trabalha pela emancipação das pessoas, porque essa barreira classista se perpetua desde a sua ascensão e dificilmente será derrubada enquanto os indivíduos permanecerem atuando conforme as ideias do sistema capitalista e não passarem a questionar sobre as desigualdades entre eles consideradas normais no dia a dia. Diante disto, é preciso repensar novos caminhos para a educação romper com estas ideias e estas estruturas.

Evidentemente a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo (ADORNO, 1995, p.170).

Observa-se que as desigualdades dentro das escolas impedem o trabalho de emancipação e fortalece a desmotivação. O sistema educacional separa os alunos de acordo com as séries, preestabelece conteúdos programáticos sem que o aluno esteja consciente do

que aprenderá, exige que o ele aprenda a partir de um método de ensino e caso ele não corresponda a este método único de ensino-aprendizagem, é excluído e será obrigado a refazer a mesma série, o que compromete a sua autoestima e conseqüentemente a sua capacidade de aprender, porque irá se sentir pior que os outros que conseguiram corresponder a meta exigida pela escola. Essas desigualdades classistas que submetem as pessoas a competirem entre si, precisariam ser extintas das instituições de ensino, implementando novas perspectivas de educação inclusiva que contemple todos os alunos.

Superar as desigualdades sociais é um dos trabalhos que educação necessitaria assumir em prol de uma sociedade mais justa. Certamente, uma boa educação transforma as realidades dos indivíduos que têm sido cruéis, excludentes e não têm se preocupado em oferecer para eles caminhos para realizarem os seus sonhos. Indivíduos emancipados são capazes de perceber essas desigualdades e de lutarem, em conjunto, para combatê-las.

A educação emancipadora como ameaça:

Não estaríamos ameaçados pela realidade de uma decadência rápida e terrível do sentido de autoridade, de respeito, de confiança, de crença na ordem em vigor, de disposição ao compromisso em todos os planos da vida, de modo que às vezes uma educação positiva, edificante, profunda, queira se apresentar como ameaça? (ADORNO, 1995, p.173).

A moral que sempre foi a base do comportamento correto e estimado por todos começa a entrar em declínio numa velocidade espantosa, fazendo com que os defensores da moral e dos bons costumes criem uma resistência contra as mudanças com o argumento de que tudo o que surge de novo é imoral e levará a sociedade a desordem e à decadência. O medo de serem vistos como sujeitos atrasados, de perder o respeito e de não terem mais suas crenças e seus comportamentos valorizados produzem o conservadorismo que se espalha por todos os âmbitos, entre eles, a educação. A resistência de rompimento com a ordem mundial que controla o comportamento de tudo e de todos, é um dos fatores que impede a educação que esclarece de se estruturar. Transformar a educação jamais será um objetivo bem aceito quando se trata de romper com convicções que já não mais se encaixam no contexto da sociedade em que se vive. Não mais falar sobre uma religião, mas sobre todas as religiões que existem numa sociedade, abranger o conceito de família, trabalhar assuntos que são tabus dentro de casa não é tarefa fácil, mas é necessária para o esclarecimento do indivíduo. No

entanto, o medo dos conservadores é grande em relação a este tipo de educação, eles se sentem de alguma forma ameaçados com algo que foge ao seu controle.

Uma educação conservadora tem mais a ver com a estrutura capitalista do que com o comprometimento da formação do sujeito ativo e reflexivo, e tem por objetivo somente orientar o indivíduo a se inserir no mercado de trabalho reduzindo a prática pedagógica a essa questão e se isentando de promover a consciência crítica do indivíduo. Uma sociedade que funciona por meio do regime democrático pressupõe o indivíduo em sua dimensão social e cultural e tem por princípio garantir que esse indivíduo desenvolva sua dimensão política e crítica, portanto, qualquer educação que se oponha a isso é conservadora e antidemocrática. Romper com o conservadorismo dentro da educação é uma tarefa urgente, pois trata-se da libertação do indivíduo.

Educação e libertação da menoridade:

A libertação da menoridade, a qual o próprio indivíduo é responsável, só é possível mediante o esclarecimento. A interdependência dele em relação a alguém não permanece somente devido à falta de entendimento sobre o mundo, mas justamente pela falta de coragem de tomar suas próprias decisões sem que alguém esteja lhe guiando. Libertar-se da sua própria menoridade é, muitas vezes, um processo doloroso para o indivíduo, pois ele sempre viveu em uma realidade a qual outras pessoas tomaram as decisões por ele, mas também é uma dádiva, pois ele percebe que tem a capacidade de romper com as decisões que são contrárias às suas vontades.

Na educação, a maneira como a menoridade se mostra mais nítida é na interdependência aluno/professor. Quem sempre carrega as verdades no que diz e no que expressa é o professor, apontando o aluno sendo sempre aquele que precisa ser comandado por ele. O aluno não tem liberdade dentro da sala de aula de falar o que pensa e o que deseja aprender, pois o professor está ali para apontar o que ele tem que aprender, seguindo os caminhos já determinados pelo cronograma escolar, e qualquer comportamento que foge às regras da instituição é punida. Portanto, esse tipo de comportamento, de quem manda e de quem obedece, estruturado dentro e fora das escolas mantém os indivíduos presos a sua menoridade e, por mais conhecimento que tenham sobre a realidade, preferem que os outros tomem as decisões por eles, porque é mais seguro e porque não corre o risco de ser punido.

Concordo inteiramente. Talvez se possa ver o problema da menoridade hoje ainda por um outro aspecto, talvez pouco conhecido. De uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de Riesman, 'é dirigida de fora', que ela é heterônoma, supondo nesses termos simplesmente que, como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculcai. Força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma (ADORNO, 1995, p.178).

O problema da menoridade também se apresenta em outro aspecto. A realidade dominante é vista como algo que precisaria ser aceita tal como ela é, sem ser contestada, e as pessoas aceitam essa realidade, com menor ou maior grau de resistência. A maneira como o ensino é estruturado, por exemplo, é aceita com poucas intervenções, e essas intervenções dificilmente partem das decisões conscientes dos alunos, porque eles estão inseridos em uma realidade a qual já se acostumaram. Esta produção de uma existência que é imposta de fora para dentro, é forçada e induz as pessoas a se acostumarem com ela.

Ao que me parece, neste aspecto uma das tarefas mais importantes na reforma da escola é o fim da educação conforme um cânone estabelecido e a substituição deste cânone por uma oferta disciplinar muito diversificada, portanto, uma escola - conforme a expressão técnica - dotada de ampla diferenciação eletiva e extensa diferenciação interna no plano das diferentes disciplinas. Todos os 'jogos de emancipação', tais como se dão, por exemplo, na participação estudantil na administração, adquirem outro significado na medida em que o próprio aluno participa individualmente ou em grupo da definição de seu programa de estudos e da seleção de sua programação de disciplinas, tornando-se por esta via não apenas mais motivado para os estudos, mas também acostumado a ver no que acontece na escola o resultado de suas decisões e não de decisões previamente dadas (ADORNO, 1995, p.182).

O autor chama atenção para o cânone que estabelece a educação, que faz com que a educação seja um processo repetitivo e cansativo, que não é criativo e impede que novas práticas educativas sejam implementadas. Esse cânone, o qual a educação emancipadora necessitaria superar, é desmotivador tanto para o professor quanto para o aluno. Uma dos meios de dar início ao processo de superação desse cânone, é a implementação de um planejamento educacional diversificado e extenso. Adorno ressalta a importância dos 'jogos de emancipação' na escola, como a participação mais ampla do aluno nas decisões internas da instituição. Segundo o autor:

Mesmo correndo o risco de ser tachado de filósofo, o que, de fato, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 1995, p.183).

O exercício do professor em refletir sobre uma educação para a emancipação e, conseqüentemente, para a libertação da minoridade, precisaria ser realizada com rigor. Essa reflexão teria que começar em si mesmo, analisar a sua tarefa de educar, as suas contradições, suas deficiências quanto um educador que impedem o trabalho de se realizar. Se a tarefa dentro dessa proposta de educação é superar o autoritarismo, a ideologia dominante que aliena e qualquer tipo de ideologia heterônoma que se coloca como uma barreira para a autonomia e a libertação das pessoas, o professor necessita, mais que nunca, rever seus conceitos e refletir sobre a sua formação social, cultural e começar a produzir a sua resistência com mais clareza, para impedir que seus defeitos como professor e ser humano seja transmitido aos alunos.

As dificuldades de trabalhar pela emancipação humana:

As dificuldades de trabalhar pela emancipação dos indivíduos consiste em que a nova ordem mundial precisa manter o controle sobre o comportamento das pessoas para que possa funcionar sem intervenções.

Quero atentar expressamente para este risco. E isto simplesmente porque não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não emancipado, mas porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação—evito de propósito a palavra ‘educar’ - é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão demonstrar que, justamente o que pretendemos encontra-se há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico (ADORNO, 1995, p.185).

Todos os professores que sonham e trabalham pela emancipação precisariam se preparar para enfrentar e lutar contra os possíveis ataques que defendem a ordem vigente e querem derrubar toda e qualquer tentativa de libertar o indivíduo por meio da educação. A resistência contra uma educação de qualidade toma várias formas de acordo com o contexto, e mantém a sociedade sob controle, permanece ignorando a estrutura educacional e a melhoria da qualidade de trabalho do corpo docente. Todas as tentativas que levam à emancipação da sociedade a partir da educação, é dita como ultrapassada ou utópica entre aqueles que exasperam esse tipo de educação, e tentam contradizer, a todo custo, que a educação é um dos melhores caminhos para um mundo melhor.

O descaso com a educação é outro problema de longa data e que tem a ver com a prevalência da manipulação em massa dos indivíduos. O único objetivo da educação em uma sociedade capitalista é formar o indivíduo para o mercado de trabalho, oferecendo a ele uma

educação instrumental rasa, sem reflexão crítica. Muitas pessoas não chegam a frequentar à escola, permanecendo totalmente mergulhadas em suas realidades e sem expectativas de mudanças além daquelas que os governantes prometem. É vergonhoso ainda o índice de analfabetismo que predomina na sociedade, por motivos de pobreza, do difícil acesso à educação em suas áreas já que muitos precisam trabalhar desde cedo para o sustento da família. A desvalorização do trabalho do professor interfere profundamente no processo de realização de um ensino de qualidade, porque fica cada vez mais difícil trabalhar em um ambiente desestruturado e desestimulante tanto para o professor quanto para o aluno.

CONCLUSÃO

Refletir sobre a práxis docente é desafiador em um mundo onde parece que a educação perde o seu sentido, porque não mais transmite conhecimentos a respeito da realidade do mundo, não busca formar indivíduos críticos/reflexivos e ainda atua de acordo com as velhas estruturas tradicionais de ensino. Propor mudanças que visem a emancipação das pessoas sempre encontrará resistências enormes, pois a ordem mundial é contrária ao esclarecimento dos indivíduos, e assim as instituições de ensino permanecem imutáveis e incapazes de acompanhar as transformações da realidade.

É importante refletir sobre a educação na sociedade atual, pois ela é um dos pilares essenciais para a construção de um mundo mais justo e menos dominado. Em uma democracia, uma educação que falha na formação dos indivíduos, tem o seu sistema invalidado e ameaçado pelas ideias que são extremamente prejudiciais ao bem-estar comum da sociedade. Para evitar a barbárie, a educação precisaria repensar a sua conduta de atuação na realidade dos indivíduos, como ela vem trabalhando para melhorar a sociedade em que está inserida e se está de fato contribuindo para formar indivíduos capazes de se adaptar, de resistir e de viver no mundo.

Um dos grandes desafios da escola é acompanhar as mudanças do mundo e intermediar a realidade aos alunos de modo que eles se situem e se atualizem sobre os temas mais importantes, pois a sua função se detém a formar o indivíduo apenas para o mercado de trabalho, se mantendo distante dos acontecimentos mais importantes da atualidade e deixando de lado a formação social crítico/reflexiva deste indivíduo. O que se tem é uma escola que se isenta da atividade de orientar as pessoas a viverem na sociedade, deixando que permaneçam alienadas. Para reverter esta situação de permanente alienação da realidade, os educadores precisariam elaborar práticas educativas que foquem na realidade e discutam as atualidades as quais permitam que os alunos possam trazer para o espaço escolar a sua experiência perante essa realidade.

Orientar o indivíduo a viver no mundo é um dos caminhos fundamentais que a educação precisaria considerar ao longo do ensino, pois tem a ver com o comportamento das pessoas no mundo em que vivem. Esta orientação se dá por meio do comportamento crítico/reflexivo, que o ajude a se construir a partir da sua realidade, a mudar a sua realidade e se libertar de modelos ideais já estabelecidos pela sociedade que são demasiadas autoritárias,

de modo que faça uso do seu direito de autonomia com esclarecimento o suficiente para decidir sobre a sua vida. A escola, como instituição social que oferece educação, tem a tarefa de trabalhar com os alunos a respeito das suas orientações e dos seus comportamentos, e essa tarefa é essencial na prática docente. Além disso, o espaço escolar precisaria, também, romper com todo e qualquer modelo autoritário que perpetua em toda a sua estrutura.

A relação professor/aluno é uma das chaves principais que abre as portas para uma educação mais humanística contrária à educação autoritária. É muito claro que a educação, por muito tempo conservando o modelo hierárquico, tem tido pouca eficácia na qualidade de ensino, por isso é preciso que esse modelo dê margem para outro tipo de experiência na escola, que considere uma relação próxima do professor para com o aluno em que ambos consigam se respeitar de verdade, por afeto e não por obrigação. Uma relação saudável entre professor e aluno melhora a qualidade de ensino/aprendizagem, é motivacional e melhora o comportamento do indivíduo em todos os âmbitos da sociedade.

Como ressaltado anteriormente, a escola não tem compromisso em se atualizar diante das mudanças do mundo e, conseqüentemente, mantém os alunos desinformados e alienados da realidade. Para que a educação não permaneça atrasada, seria necessário uma reformulação da escola enquanto instituição educacional e também da prática docente no interior desta instituição. Foi apresentado o conceito de educação em Adorno, o qual ele propõe que a escola não poderia ser espaço de modelagem de pessoas, e também não poderia se esgotar apenas na mera transmissão de conhecimentos desconectados da realidade, mas que precisaria trabalhar para produção de uma consciência verdadeira, de uma consciência não deformada pelo modelo ideal dominante.

Educar para a emancipação humana é muito importante em uma democracia, pois a soberania democrática repousa na vontade de cada um. No entanto, a democracia abre espaço para que vontades alheias as dos indivíduos possam se legitimar, sem que eles tenham consciência de que estão sendo manipulados, e se deixam dominar por ideias que, na maioria das vezes, são contrárias ao seu comportamento. Nesse sentido, faz-se necessário que a educação trabalhe para libertar o indivíduo dos domínios da ideologia dominante que castra a subjetividade do indivíduo, a sua autonomia de tomar suas próprias decisões e o enquadra em um padrão de comportamento.

Voltando a questão de uma educação para a adaptação do indivíduo no mundo, foi visto que ela precisaria ir para além da mera adaptação, trabalhando, também, para que o indivíduo seja autônomo e consiga se libertar dos mecanismos poderosos que se impõem e os quais sempre teve que se submeter, por mais doloroso que fosse esse processo. Sem a formação crítico/reflexiva do indivíduo, ele aceita todo e qualquer processo de adaptação da cultura de massa e perde a sua individualidade quanto sujeito dotado de experiências únicas e de opiniões próprias.

A educação precisaria se colocar diante da realidade dominadora como fenômeno de resistência que proporcione ao indivíduo uma consciência verdadeira capaz de refletir as contradições da realidade em que está submetido e se recriar diante dela. O educador, ao longo da sua prática de ensino, precisaria provocar os alunos acerca da realidade do mundo em que vivem, orientando-os a fazerem reflexões sobre a maneira de como estão vivendo no mundo para que possam buscar alternativas de novos comportamentos de viver no mundo, partindo da ética e do respeito pelas diferenças que fazem parte de cada um.

O processo de esclarecimento do indivíduo, para ser mais eficaz e permanente, precisaria ser iniciado desde a primeira infância. Notou-se que um dos grandes erros da educação é não se importar com os conteúdos os quais não se encaixam na vida dos alunos e muito menos conseguem aprender, e continua a empurrar atividades desmotivadoras e, também, as estratégias de ensino se limitam aos muros das escolas. Criança aprende brincando, por isso é que as práticas educativas que têm o objetivo de esclarecê-las precisam ser feitas por meio de atividades lúdicas e que despertem a curiosidade delas, como levá-las a um passeio que seja divertido e ao mesmo tempo educativo. Trabalhar o comportamento crítico/reflexivo desde pequeno, torna-se um comportamento natural ao longo de toda a vida.

Sendo a escola um espaço que permanece desvinculado da realidade, é impossível que ela consiga trabalhar a partir da experiência e para a experiência dos indivíduos. A experiência leva à emancipação do indivíduo, pois é partir dela que ele se torna capaz de refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, seja a experiência subjetiva, seja a experiência coletiva. A escola, para se conectar plenamente a realidade, precisaria considerar o fenômeno de experiência como processo de ensino/aprendizagem. A partir da experiência vivenciada dentro e fora da sala de aula o indivíduo vai se construindo, se esclarecendo, se adaptando e resistindo às mudanças do mundo. A prática educativa é isso, é experiência compartilhada,

aprimorada por meio das reflexões e que levam o indivíduo à se realizar quanto professor, quanto aluno e quanto indivíduo que vive no mundo.

A reflexão tem sido, por muito tempo, negligenciada nas escolas. No lugar da reflexão, o que se tem é um conteúdo para ser decorado e aplicado na prova com a intenção única de ser aprovado e passar de ano, não para aprender alguma coisa útil para a sua vida e muito menos para refletir sobre o tema que se está estudando. Uma educação para a emancipação precisa ser contrária a todas as atividades realizadas dentro do contexto que impeçam os indivíduos de usar suas capacidades de reflexão. Por meio da reflexão aliada à experiência, as pessoas começam a perceber a realidade a qual estão inseridas e formular opiniões críticas em relação a ela. O trabalho do docente quanto educador que orienta o aluno para o alcance da sua emancipação só ganha sentido à medida que estimula este aluno a pensar, tornando-o crítico de si mesmo e do mundo, evitando, desta forma, a barbárie da alienação que pretende sempre dirigi-lo conforme as suas exigências. Experiência e reflexão precisam caminhar juntas ao longo do processo permanente da construção de uma consciência crítica.

Uma educação que impulsiona o indivíduo à sua emancipação não existe se não considera este indivíduo em suas diversas dimensões. A imaginação é uma condição do ser humano e não pode ser castrada dentro da sala de aula, senão seria uma educação tradicionalmente opressora, e é exatamente este tipo de ensino que se pretende derrubar. A partir da imaginação, obtém-se experiências intensas na vida e vice-versa, porque a imaginação e a experiência caminham de mãos dadas e levam à reflexão crítica, que leva ao esclarecimento e, conseqüentemente, leva à emancipação da consciência. Como, então, uma educação pretende agregar pessoas se ela não considera essas pessoas nas suas dimensões, se as enxergam como meros objetos úteis do capitalismo?

O indivíduo é uma construção permanente ao longo da sua vida, que jamais alcança a sua totalidade. Os educadores precisam evitar cair na armadilha da idealização do indivíduo, transformando-o em um sujeito cabal que corresponde às expectativas alheias, além de fortalecer a ideia do modelo ideal dentro da escola. É a partir do contato com a realidade que o indivíduo se constrói, e será assim enquanto viver. O contato com o professor também modifica o comportamento do aluno, assim como o professor se constrói a partir do seu contato com a realidade escolar e a partir das suas reflexões sobre suas práticas docentes. É

preciso que a escola tenha o cuidado de levar o indivíduo a perceber que ele vive um processo contínuo e permanente de construção de si mesmo e da própria realidade. Tanto o professor quanto o aluno precisariam romper com essa ideia de sujeito pronto e acabado, pois o processo de aprendizado jamais acaba, assim como o ensino necessita ser recriado a cada mudança do mundo.

Educar para autonomia é outro fator importante que está ligado a todos os processos de emancipação e, também, é a consequência desses processos, pois além de trazer a questão da autonomia para ser discutida dentro do ambiente escolar, também é necessário que seja trabalhada na prática. Um sujeito só se torna emancipado a medida em que é capaz de se libertar da sua menoridade e passar a fazer uso do seu próprio esclarecimento. Trabalhar a autonomia do indivíduo é, também, fortalecer a subjetividade dele para que ele não se submeta aos controles ideológicos de massa, é desenvolver em si uma determinada autenticidade perante o mundo.

A estrutura educacional não se renova e, por isso mesmo, não acompanha as mudanças do mundo, forçando as pessoas a agirem de acordo com o que ela propõe, mesmo que isso implique o não aprendizado e a evasão dessas pessoas. Esta estrutura ainda exige que a educação repita o comportamento das desigualdades classistas, tornando-se uma grande barreira para o aprendizado dos alunos. O que se propõe é que as escolas trabalhem para derrubar essas barreiras de classe entre professores, alunos e todo o corpo docente das instituições de ensino, buscando novas práticas educativas que considere a participação mútua, igualdade, respeito nas diferenças e que ajude na motivação dos alunos, na união dessas pessoas em prol de uma educação de qualidade para todos.

A emancipação do indivíduo ajuda a melhorar problemas na vida em sociedade como, por exemplo, as desigualdades sociais. Quanto mais esclarecido sobre a realidade se torna a pessoa, mais ela é capaz de identificar e refletir sobre as mazelas sociais a qual está submetida. Sendo a escola um ambiente em que essas desigualdades prevalecem, o indivíduo torna-se sempre mais desmotivado, correndo o risco de abandonar a escola. Para combater essas barbáries, se faz necessário uma educação emancipadora inclusiva, onde as pessoas que vivem em uma realidade cruel possam lutar juntas e impedir que as desigualdades escancaradas se perpetuem.

É claro que uma educação que tem o objetivo de esclarecer as pessoas acerca da ideologia dominante e das maneiras como ela se configura e se impõe no mundo sempre sofrerá grandes repressões, pois se apresenta como ameaça. Diante disto, surgem as mais variadas dificuldades de educar para a produção de uma consciência verdadeira, porque as forças dominadoras sempre se posicionarão contra. É preciso resistir aos contrapontos que pretendem derrubar a educação edificante, e essa resistência precisa ser fortalecida dentro e fora das salas de aulas.

Para que a educação possa trabalhar, de fato, pela emancipação dos indivíduos, torna-se necessário, de acordo com o que foi estudado, analisado e refletido no presente trabalho, que os educadores reflitam sobre suas práticas docentes e sobre suas atuações dentro e fora dos muros da escola. É preciso contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos, para que eles possam tomar suas próprias decisões conscientes. Ajudar estes indivíduos a se libertarem da dominação imposta por meio de modelos ideais, construindo suas próprias maneiras de adaptação e resistência perante a realidade. É preciso também que a educação se transforme, rompendo com os velhos ideais educacionais e passe a acompanhar as transformações do mundo, que derrube as barreiras classistas que fortalecem as desigualdades entre as pessoas dentro e fora das escolas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Educação – para quê? (1966) In: _____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995, p. 139-154.

_____. Educação e emancipação () In: _____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995, p. 169-185.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. O ensaio como forma. In: Adorno, W. T, *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida, Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2003.

Theodor Wiesengrund Adorno (1906-1969) - Biografia de Filósofos. Disponível em:
http://www.filosofia.com.br/bio_popup.php?id=62